**O fim da globalização? Desta vez é para valer**

*Adam Tooze*  
  
link do artigo original: <https://bit.ly/2YENb3B>

*Adicione mudanças tecnológicas, macroeconomia e geopolítica ao vírus e se torna evidente o porquê de estarmos enfrentando um ano turbulento*

Nos últimos cinquenta anos, o mundo foi transformado por enormes fluxos de comércio e investimento. A fonte de nossos alimentos e a fabricação de tudo, desde tênis a telefones celulares, foram revolucionadas. As consultas bancárias em Newcastle são tratadas em Bangalore. Empregos industriais seguros evaporaram na Europa e na América do Norte e reapareceram do outro lado do mundo. As exportações, que representavam menos de 10% do PIB global na década de 1970, agora estão em 25%.

A globalização tem sido uma enorme transformação social e econômica. Da mesma forma, tem sido calorosamente controversa, criando perdedores e vencedores. E isso levantou a questão: seria encerrada pela erupção de seus opositores? Repetidas vezes - após os protestos da OMC em Seattle em 1999, 11 de setembro, a crise financeira de 2008 e a eleição de Donald Trump - houve previsões da crise terminal da globalização. No fundo, esconde-se a memória dos anos 30 e a Grande Depressão, quando os fluxos de comércio e capital se contraíram, para não se recuperar durante quase metade de um século.

Mas o choque do Covid-19 elevou a angústia da globalização a um novo patamar. A Organização Mundial do Comércio (OMC) está prevendo que o comércio possa cair um recorde de 32%. Os bloqueios foram bastante dramáticos. Mas à medida que a crise econômica se aprofunda, 2020 começa a parecer algo pior: uma tempestade perfeita e perturbadora.

Para entender por que, considere a variedade de fatores que moldam a divisão internacional do trabalho. Comece com a política.

A busca do lucro se estende através das fronteiras nacionais e linhas de conflito político. Mas se você vai deixar de lado política e diplomacia, precisará concordar em discordar. Neste caso, um árbitro pode ajudar: uma economia hegemônica. Não é por acaso que o aumento do comércio e dos investimentos globais coincidiu com o que parecia ser uma vitória americana decisiva na guerra fria.

Além da política, o fluxo de mercadorias é impulsionado pela tecnologia. A Revolução Industrial do final do século 18 centrou-se no algodão. Um quarto de milênio depois, a cadeia de suprimentos de roupas ainda se espalha pelo mundo, das fazendas de algodão da Austrália às fábricas de roupas em Bangladesh e aos grandes shoppings nos subúrbios americanos, agora vazios de clientes. Os smartphones do século XXI são produzidos por uma rede hiper-sofisticada que liga laboratórios e codificadores de software no oeste com fundições de chips na Coréia do Sul e Vietnã e linhas de montagem na China e no Vietnã. O maior impulsionador da globalização nos últimos anos foi o contêiner, que reduziu o custo do transporte.

Além da política e da tecnologia, quem dá as cartas do jogo são os termos de troca, que dependem do equilíbrio de custos e preços e da matriz das taxas de câmbio. Movimentos repentinos nas moedas mudam os custos, interrompendo os padrões existentes de demanda e oferta.Finalmente, nosso apetite para comprar mercadorias - fabricadas em casa ou no exterior - depende do estado geral da economia, daquilo que os economistas chamam de "demanda agregada", a soma de consumo, investimento e gastos do governo.

Acrescente tecnologia, efeitos de preços, macroeconomia e geopolítica e fica claro por que, em 2020, enfrentamos uma tempestade perfeita.

Na frente tecnológica, o contêiner e a revolução na terceirização da produção seguiram seu curso. A indústria automobilística, que opera as cadeias de suprimentos mais complexas, está passando por uma revolução tecnológica. O advento dos carros elétricos (ou o que a indústria chama de "mobilidade eletrônica") simplificará e reduzirá a produção, cortando milhões de empregos. Consultores como McKinsey consideram que será apenas uma questão de tempo até que os exércitos de operários atualmente empregados no corte e costura de roupas sejam substituídos por robôs.

Enquanto isso, a recessão do Covid-19 reduziu o consumo e o investimento. Os EUA são de longe o maior importador e sua demanda foi martelada. A força atual do dólar ajudará de alguma forma a compensar a queda no consumo americano. Um dólar mais valioso torna mais atraente a exportação para os EUA. Mas também pode desencadear novas guerras comerciais.

Particularmente grave para a Casa Branca será a queda da moeda brasileira, o real. Trump pode considerar o presidente brasileiro Jair Bolsonaro como um espírito afim, mas ele não gostará do enorme aumento nas exportações brasileiras, já que os criadores de porcos da China optam pela fonte mais barata de ração animal.

A promessa de aumento das exportações agrícolas dos EUA para a China foi fundamental para o chamado acordo comercial da primeira fase, solenizado em janeiro. Pelo menos por algumas semanas no início deste ano, Trump manteve o roteiro da primeira fase. Mas essa restrição não durou. Desde abril, houve uma escalada verdadeiramente espetacular na dipsuta entre Washington e Pequim.

O discurso nacionalista de Trump é exibido em sua galeria. A China faz uma boa escolha para vencer Joe Biden, que tem a reputação de favorecer uma linha mais cooperativa. Mais grave ainda é a reorientação sistemática da estratégia dos EUA em relação à China, que já havia começado sob Barack Obama, com o "pivô para a Ásia" em 2011, e culminou em maio de 2020 com o lançamento pelo governo Trump de um novo documento abrangente de estratégia.

O documento encerra qualquer discussão em Washington sobre a possível convergência da China com o modelo ocidental. Em vez disso, todos os ramos do governo americano tomam posse de uma postura de grande competição de poder. Isso também não é apenas retórica. Ele caminha de mãos dadas com uma nova rodada de sanções contra a Huawei, campeã de telecomunicações da China. Ao se recusar a permitir que os chips da Huawei, mesmo os de design próprio da Huawei, sejam fabricados em equipamentos de alta tecnologia vindos dos EUA das fábricas de Taiwan, o governo Trump declarou efetivamente uma guerra tecnológica.

Enquanto isso, o Reino Unido anunciou sua decisão de excluir a Huawei de sua rede 5G dentro de três anos. Austrália e China estão envolvidas em uma mini-guerra comercial por cevada e carne bovina. A executiva da Huawei, Meng Wanzhou, aguarda seu destino em prisão domiciliar no Canadá. Se ela for extraditada para os EUA, espere que ocorra uma tempestade.

Claro, existem forças de compensação. Os negócios, incluindo os americanos, continuam profundamente comprometidos com o investimento e o comércio exterior. A Europa reluta em escolher entre os EUA e a China. Angela Merkel anunciou que fará das relações com a China uma das prioridades da presidência alemã do conselho europeu.

Mas, negócios à parte, a visão mais ampla de uma globalização que planifica e homogeiniza o mundo está morta. A instituição que mais claramente incorporou a visão de "fim da história", a OMC, foi lançada em janeiro de 1995. Hoje, a OMC está em frangalhos. Seus procedimentos para lidar com disputas foram paralisados ​​por obstruções deliberadas dos americanos e seu chefe, o brasileiro Roberto Azevêdo, anunciou que está renunciando um ano antes do tempo, o que deixa a OMC sem líder diante do maior choque do comércio mundial desde 1945.

As comparações com a década de 1930 não devem levar muito longe. Não vivemos à sombra da guerra total e há boas razões para saudar o final da hiperglobalização no estilo dos anos 90. Mas não devemos subestimar a ruptura com o passado recente ou nos iludir de que existe alguma alternativa óbvia em oferta.